

EM DEFESA DA CULTURA: INTELLECTUAIS COMUNISTAS E REVISTAS LITERÁRIAS NOS ANOS 1930. UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE CHILE E BRASIL*

IN DEFENSE OF CULTURE: COMMUNIST INTELLECTUALS AND LITERARY
MAGAZINES IN THE 1930S. A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN CHILE AND BRAZIL

EN DEFENSA DE LA CULTURA: LOS INTELLECTUALES COMUNISTAS Y LAS REVISTAS
LITERARIAS EN LOS AÑOS 30. UN ANÁLISIS COMPARATIVO ENTRE CHILE Y BRASIL

DRA. ANA AMELIA M.C. DE MELO**
Universidade Federal do Ceará
Fortaleza, Brasil
Email:anameliademelo@gmail.com
Id-ORCID: 0000-0002-9636-329X

RESUMO

O objetivo deste artigo é realizar um exame comparativo entre o jornal literário brasileiro *Dom Casmurro* (1937-1946) e a publicação chilena *Aurora de Chile* (1938-1940). Os periódicos não apenas contavam com destacados intelectuais comunistas como Jorge Amado, redator-chefe de jornal brasileiro entre 1939-1940 e Pablo Neruda, criador e diretor do *Aurora de Chile*, como buscavam expressar o projeto de frente popular proposto pela Internacional Comunista no âmbito do combate ao fascismo. Procuo aqui examinar como essas publicações cristalizaram algumas ideias de defesa da cultura, o papel dos intelectuais como militantes e as distintas estratégias dos comunistas diante das singularidades das experiências políticas na América Latina. Metodologicamente, as publicações são abordadas como documentos de cultura que expressavam um projeto político-cultural coletivo.

Palavras-chave: Redes intelectuais; Revistas culturais; Intelectuais comunistas; História cultural; História política

* Recibido: 5 de mayo de 2021; Aceptado: 13 de octubre de 2021; Publicado: 15 de octubre de 2022.

** Artículo científico. Este artigo está inserido no marco do projeto de pesquisa por mim desenvolvido na Universidade Federal do Ceará, sob o título: *Intelectuais, literatura e impressos na América*.

ABSTRACT

The objective of this article is to conduct a comparative examination between the Brazilian literary newspaper *Dom Casmurro* (1937-1946) and the Chilean publication *Aurora de Chile* (1938-1940). Both periodicals not only had outstanding communist intellectuals such as Jorge Amado, editor-in-chief of the Brazilian newspaper between 1939-1940, and Pablo Neruda, creator and director of *Aurora de Chile*, but also sought to express the popular front project proposed by the Communist International in the fight against fascism. I seek here to examine how these publications crystallized some ideas of defense of culture, the role of intellectuals as militants, and the distinct strategies of communists in the face of the singularities of political experiences in Latin America. Methodologically, the publications are approached as documents of culture that expressed a collective political-cultural project.

Keywords: Intellectuals Networks; Cultural Magazines; Communist Intellectuals; Cultural History; Political History

RESUMEN

El objetivo de este artículo es realizar un examen comparativo entre el periódico literario brasileño *Dom Casmurro* (1937-1946) y la publicación chilena *Aurora de Chile* (1938-1940). Las publicaciones no solamente contaban con destacados intelectuales comunistas, como Jorge Amado, redactor jefe del periódico brasileño entre 1939-1940, y Pablo Neruda, creador y director de la *Aurora de Chile*, sino que buscaban expresar el proyecto del Frente Popular propuesto por la Internacional Comunista en la lucha contra el fascismo. Pretendo aquí examinar cómo estas publicaciones cristalizaron algunas ideas de defensa cultural, el papel de los intelectuales como militantes y las distintas estrategias de los comunistas frente a las singularidades de las experiencias políticas en América Latina. Metodológicamente, las publicaciones son abordadas como documentos de cultura que expresan un proyecto político-cultural colectivo.

Palabras clave: Redes intelectuales; revistas culturales; intelectuales comunistas; Historia cultural; Historia política

Cómo citar: de Melo, A. A. "Em defesa da cultura: Intelectuais comunistas e revistas literárias nos anos 1930. Uma análise comparativa entre Chile e Brasil". *Revista de Historia Social y de las Mentalidades*, vol. 26, n° 2, 2022, pp. 49-74, doi: <https://doi.org/10.35588/rhsm.v26i2.4940>.

1. INTRODUÇÃO

As revistas e jornais culturais e literários na América Latina, durante os anos 1930-1940, foram espaços privilegiados de atuação intelectual e política. Não apenas foram laboratórios de experimentações estéticas como especialmente espaços de intervenção e definição de políticas culturais (Sarlo). Buscavam romper com padrões estabelecidos pela grande imprensa, dando a ver novos autores ou escritores relegados por instituições hegemônicas. Eram palco de importantes debates, tensionando abertamente as fronteiras entre literatura e política.

Na América Latina, como têm apontado diversos estudos (Moraña, Tarcus, *Las revistas culturales*; Sarlo; Beigel), existiu uma forte tradição de militância intelectual que reservou às revistas e jornais culturais um importante papel na construção das “tramas culturais latino-americanas” (Tarcus, *Las revistas culturales*). Como nos fala o historiador argentino, elas são vistas hoje, na historiografia, não apenas como correntes transmissoras de interesses de determinados grupos sociais, mas como atores nas batalhas das ideias, dando luz a novos atores e novas agendas culturais. Nesse processo, são também agentes centrais na construção de um público leitor.

Neste estudo, busco dar atenção a duas publicações de cultura que circularam no mesmo período, no Brasil e no Chile. Eram elas o jornal literário *Dom Casmurro*, fundado no Rio de Janeiro, em 1937, e *Aurora de Chile*, publicada em Santiago, a partir de 1938. A primeira tinha como propósito ser uma publicação voltada para a crítica literária e difusão cultural, apresentada em formato de jornal. Não apenas reafirmava, constantemente, o propósito de ser um impresso literário, como negava, em diversos momentos, as acusações de ser um semanário comunista. Apesar das afirmações do diretor, chamam a atenção a necessidade de reiterá-las e o fato de, em 1939, assumir a chefia de edição o escritor e militante comunista Jorge Amado.

Nesse mesmo lapso de tempo, no Chile, o escritor Pablo Neruda, de regresso ao país, após um período como cônsul na Espanha e, especialmente, logo depois de ter participado do II Congresso de Escritores em Valencia, funda a revista *Aurora de Chile*. Pesquisas recentes apontam a importância dos escritores comunistas na organização de congressos desse tipo, sobretudo na conjuntura de luta contra o fascismo (Soler; Oliveira, “Repercussões”; Riou). Recordamos também que, a partir de 1935, a Internacional Comunista adota uma posição política de formação das frentes populares. Considero que essas publicações podem ser pensadas como parte das estratégias aliancistas na América Latina. Os dois escritores, Jorge Amado e Pablo Neruda, estiveram estreitamente vinculados ao Partido Comunista de seus países, e o Partido, por sua vez, buscou através de uma rede de revistas e jornais intervir no debate público. Buscamos aqui confrontar essas duas publicações pensando-as como parte de um conjunto maior de mobilização comunista no campo da cultura e como projetos coletivos. Acreditamos que, através destes dois impressos, é possível perceber as diversas estratégias que os partidos comunistas utilizaram na América Latina, no campo da cultura, as diferenças e pontos em comum.

Enquanto no Brasil, a partir de outubro de 1937 até 1945, o país conhece um período de ditadura com a prisão de diversos intelectuais, sindicalistas e militantes comunistas, no Chile, após o segundo mês de circulação de *Aurora de Chile*, tem início um período de vitória da Frente Popular. Esses dois contextos

distintos permitem entender melhor as especificidades das políticas culturais comunistas e da frente popular na América Latina. Devemos lembrar a importância dos estudos comparativos propostos por Marc Bloch como possibilidade de análise. O que significa, do ponto de vista da história, uma análise comparativa? Para Bloch, é necessário identificar certas similitudes sobre os fatos observados e dissemelhanças nos meios onde os fatos são produzidos. O estudo comparativo pode oferecer interessantes reflexões, mas, por outro lado, não deve servir de talismã (Bloch). Tomamos como balizas para o estudo comparativo, os fenômenos semelhantes de formação de uma política de alianças dos partidos comunistas em ambos os países, a participação de intelectuais escritores nesse processo e a organização de uma imprensa cultural comprometida com o que chamavam de “defesa da cultura”. No entanto, as situações históricas distintas vão produzir formas de atuação específicas que vale a pena investigar.

2. O FRENTISMO E A CULTURA: CHILE E BRASIL

No ano de 1934, foi realizada em Moscou a Conferência Latino-americana de Partidos Comunistas na qual ficam estabelecidas as orientações aliancistas que os partidos comunistas deveriam assumir. A adoção do *frentismo* como política da Internacional Comunista será definida a partir do VII Congresso da Internacional em 1935. Nesse momento, como nos aponta Hobsbawm, um fenômeno novo surge, com a adesão de intelectuais ao partido em diversos países (Hobsbawm). O *frentismo* significou concretamente estabelecer diálogo com os setores mais amplos da sociedade, representantes de uma burguesia progressista. No campo da cultura, trouxe uma adesão significativa de escritores e intelectuais. A estratégia, que já vinha sendo adotada na Europa, expressou-se claramente nos diversos congressos de escritores. Significava uma mudança política para enfrentar a luta contra o fascismo.

Para o historiador francês Michel Winock, os cinco anos que antecedem a Segunda Guerra são marcados por um vago antistalinismo, que gera, entre alguns intelectuais, uma atitude absenteísta. No entanto, o avanço do fascismo na Europa, especialmente, na França, com as manifestações de 6 de fevereiro de 1934, apontaram para a urgência de uma união antifascista.¹ De fato, já em

1 Em 6 de fevereiro em Paris, uma multidão mobilizada por organizações de direita, como *Ação Francesa*, *Cruz de Fogo* e grupos paramilitares, reúnem-se em frente à Câmara dos Deputados para protestar contra a corrupção e contra a destituição do chefe da polícia. A manifestação foi violenta, com tentativa de invasão da Câmara e com diversos mortos e feridos (Winock; Sirinelli).

março desse ano, foi fundado o Comitê de Vigilância de Intelectuais Antifascistas (CVIA). Racine-Furlaud aponta que ele foi fruto direto do 6 de fevereiro, quando, no meio intelectual, toma-se consciência clara do avanço do fascismo no território francês. Como assinala a historiadora, a CVIA representou uma antecipação da Frente Popular, formada oficialmente na França em 14 de julho de 1935 (Racine-Furlaud).

As repercussões na América Latina desses encontros de intelectuais e a perspectiva da defesa da cultura têm sido apontadas, em alguns estudos que buscam destacar a formação de entidades semelhantes no Cone Sul (Oliveira, “Repercussões”; Celentano). Nesse processo, vale sublinhar o papel das revistas e jornais como elementos de difusão das ideias e perspectivas de Frentes Populares propugnadas pela Internacional Comunista. Elas possibilitam enxergar como se cristalizou a política frentista no campo da cultura. A análise das publicações nos permite perceber as profundas diferenças que, apesar das semelhanças, sobretudo entre Neruda e Amado, prevaleciam no modo de atuação e organização dos intelectuais entre esses países. Essas duas publicações servem para demonstrar que não existia uma fórmula acabada imposta pela IC e rigidamente seguida por todos. A política de frentes populares que se desenvolvem no Chile e no Brasil adquirem conotações específicas, relacionadas às próprias dinâmicas políticas nacionais. Em nenhum dos países se realizou uma transposição *ipsis litteris* das diretrizes de Moscou ao cenário nacional.

No Chile, durante o período de 1933-38, com o governo eleito de Arturo Alessandri, os partidos de esquerda sofreram perseguições e prisões de militantes. Nesse contexto, as diretrizes da Internacional Comunista, a partir de 1935, permitiram uma ampliação da influência do PCCH, atingindo um leque de organizações e entidades civis e setores médios da sociedade, como intelectuais, professores e estudantes. Como nos fala o historiador Alvarez, já em fevereiro de 1935 são enviados ao Chile representantes da *Internacional Comunista*, com o objetivo de realizar as transformações para conformação de um movimento de frente única (Álvarez). A formação da Frente Popular, a partir de 1936, deve ser entendida também, conforme apontam diversos historiadores, levando em conta o papel dos partidos Radical e Socialista, assim como de uma tradição de formação de alianças (Milos; Aggio).²

Nesse processo, a adesão dos intelectuais ao comunismo foi, como já apontamos, um fenômeno novo que também pode ser identificado no Chile

2 *Block de Izquierdas* (1934-1935); *Frente Único Socialista* (1933); *Frente Obrera de los Trabajadores Revolucionários* (1932); *Alianza Socialista Revolucionária de Trabajadores* (1932); *Comité Revolucionarios de Frente Único Obrero* (1931). Ver Aggio 102.

e no Brasil. A vitória eleitoral da Frente Popular, no Chile, em outubro de 1938, e a participação de escritores, artistas e professores evidenciaram o esforço do Partido Comunista na criação de mecanismos de apoio e construção de alianças amplas. O número de intelectuais que colaboram na imprensa comunista foi expressivo. Além de nomes consagrados no momento, como os poetas e escritores Vicente Huidobro e Pablo Neruda, Pablo e Winett de Rokha e Gerardo Seguel, o partido reuniu uma diversidade de jovens escritores e intelectuais atuantes no campo da cultura. Em junho de 1939, *Aurora de Chile* publica uma lista de colaboradores como resposta aos ataques “profascistas” que os consideravam um grupo de intelectuais insignificantes (*Aurora de Chile*, 5/6/1939). Na lista, foram mencionados 64 nomes. Eram escritores, poetas, jornalistas, professores, pintores, dramaturgos, músicos e compositores que ocupavam cargos importantes, como de direção de orquestra, direção no Ensino Superior e Ensino Médio, ou eram conhecidos por suas atividades artísticas e culturais e pelo trabalho na imprensa.

No Brasil, a política aliancista se expressou na formação da Aliança Nacional Libertadora (ALN) em 1935. No entanto, a repressão desencadeada pelo governo de Vargas e o levante armado de 1935 desarticulou o partido, especialmente o núcleo dirigente no Rio de Janeiro (Sena Junior; Vianna). No ano seguinte, diversos militantes e intelectuais foram presos e, em 1937, foram suspensas as eleições e fechado o Congresso, dando início ao Estado Novo. As perseguições aos comunistas acentuaram-se, levando à prisão militantes da direção e demais membros. Várias células do Partido foram desfeitas pela perseguição policial. Segundo Edgar Carone, o Partido deixou basicamente de existir com as prisões, que foram até 1939 e começos de 1940. De acordo com as afirmações de Prestes: “a direção do Partido foi liquidada pela reação e ainda em consequência das provocações policiais que minavam o grupo central do Partido, este foi levado a um quase completo esfacelamento, situação que durou até fins de 1941” (Carone 228). Jorge Amado, em entrevista concedida a Antonio A. Espinosa, comentando sua prisão em 1936, nos diz:

Em novembro de 1935, no dia 27, houve um levante do III Regimento de Infantaria. Fomos presos vários intelectuais [...]. Graciliano Ramos foi preso em Maceió e levado pro Rio. Eu fiquei dois meses na Polícia Central. Vários intelectuais foram presos na época, Santo Rosa, Caio Prado Junior, Di Cavalcanti, Hermes Lima, Eneida, Castro Rabelo, Aporelly, Alvaro Moreyra etc. (Barbosa 8)

A forma como se desenvolveu, no Brasil, a política de Frente Popular do Partido Comunista, a tentativa fracassada de uma rebelião armada em 1935 e a consequente prisão e clandestinidade fizeram com que intelectuais e escritores buscassem formas de intervenção no campo da cultura, nas brechas e interstícios da censura. Nesse sentido, as revistas e jornais literários e culturais se apresentarão como um importante espaço de intervenção. Nem sempre serão impressos produzidos pelo próprio Partido, porém a participação de escritores e intelectuais comunistas, em diferentes periódicos, dava provas do funcionamento dessa aliança e do papel dos “companheiros de viagem” na sobrevivência e apoio aos comunistas. Também as publicações podiam atuar como uma forma de difusão de uma literatura mais afinada com as denúncias da realidade social. Lembremos que, em 1934, realizou-se em Moscou o I Congresso de Escritores Soviéticos, no qual foram apresentadas por Andrei Jdanov e Máximo Gorki, as teses do realismo socialista (Mello 124). Como isso se concretiza no Chile e no Brasil é uma pergunta que tentamos responder. Dessa forma, o papel de jornais como *Dom Casmurro* será de resistência ao avanço autoritário.

3. INTELLECTUAIS COMBATIVOS: AURORA DE CHILE

No Chile, em 1 de agosto de 1938, aparece em Santiago, sob a direção de Pablo Neruda, o primeiro número da revista *Aurora de Chile*, que circularia até dezembro de 1940. Apesar de suas poucas páginas, inicialmente apenas quatro, o propósito era o de ser uma publicação combativa, apresentando-se como porta-voz da *Alianza de Intelectuales para la Defensa de la Cultura*, conhecida como *Alianza de Intelectuales de Chile* (AICH). Na primeira página, deixava claras suas intenções, ao fazer um paralelo com o primeiro jornal chileno, dirigido por Camilo Henríquez, em pleno processo de independência do país. Os signatários levantam-se em defesa de uma segunda independência. Logo no início da primeira página, são citadas as palavras do Frei independentista, pronunciadas em 1812. Destacam-se as reiteradas ideias de justiça, de luta contra a “tirania”, reproduzidas com o propósito de assimilar e definir uma filiação política. O tributo ao passado de luta pela independência é ressignificado, a partir de uma conjuntura do presente. O “espírito da independência”, segundo segue a revista, reaparece e continua, para estes intelectuais do Chile. Em uma coluna de apenas dois parágrafos, invoca-se a ameaça do crime fascista, a violência totalitária externa e interna. Além de Neruda, a revista reuniu, como redatores, quatro escritores e críticos bastante conhecidos nos meios intelectuais de Santiago: Roberto Aldunate

(1898-1980); Luis E. Délano (1907-1985); Rosamel de Valle (1901-1965) e Diego Muñoz (1903-1990).³

A revista apresentava um projeto duplo, ou seja, tinha uma perspectiva política, expressa no antifascismo e na defesa da Frente Popular, bem como cultural, evidenciada desde os primeiros números, não apenas pelo grupo em torno dela reunido, como pelos inúmeros artigos sobre literatura, poesia, música ou mesmo pela reprodução de trechos de obras. Ao longo dos dois anos em que se editou a revista, nela podemos distinguir, como nos fala Beatriz Sarlo (1992), um pequeno laboratório de debates artísticos e posições ideológicas. Sua impressão foi realizada inicialmente na gráfica Leblanc e depois na Antares, ligada ao Partido Comunista (Álvarez). Com a vitória de Aguirre Cerda, a publicação passou a ser impressa nas oficinas gráficas *La Nación S.A.*, responsável pelas publicações oficiais do governo. Não manteve periodicidade regular, nem volume constante, variando de 8 a 20 páginas.

O grupo reunia escritores e poetas caracterizado pelo que ficou conhecido como a Geração de 1938, marcada por uma escrita interessada nos problemas sociais. Vários deles, de alguma forma, estavam vinculados ao pensamento marxista e profundamente imbuídos da necessidade de transformações sociais. São autores que buscarão na realidade do mundo popular, dos trabalhadores urbanos e camponeses, no cotidiano das favelas e cortiços, a inspiração para seus personagens e sua escrita. Quase sempre, esses autores demonstram um compromisso político efetivo e, nesse sentido, participavam da AICH. Nomes como Rubén Azócar, Marta Brunet, Luis Enrique Délano e Alberto Romero assinam artigos, declarações e comparecem nas atividades desenvolvidas pela *Alianza*, que eram divulgadas em coluna especial sob o título “A vida na AICH”. Havia na seção uma nítida preocupação em demonstrar a presença da entidade na vida cultural do país, deixando bastante evidente que eles representavam um grupo intelectual atuante e destacado. Como exemplo, podemos assinalar a publicação dos agraciados pelo Prêmio Municipal de Literatura de 1939, anunciado em letras garrafais. Nesse ano, receberam o galardão Rubén Azócar, Nicanor Parra e Santiago del Campo, todos anunciados como membros da *Alianza (Aurora de Chile, 5/07/1939)*.

3 Participam como colaboradores diversos intelectuais, como a escritora Marta Brunet (1897-1967), o historiador e reitor da Universidade do Chile Domingo Amunátegui Solar (1860-1946), Ricardo Latcham, um dos fundadores do Partido Socialista em 1933 e deputado em 1937-41, Luis David Cruz Ocampo (1891-1972), que foi presidente da AICH na cidade de Concepción, além do prestigiado historiador Ricardo Donoso (1896-1985) e Guillermo Feliú Cruz (1900-1973), ambos docentes da Universidade do Chile.

Como dissemos, *Aurora de Chile* apresenta uma dupla proposta. Por um lado, assume um discurso claramente militante de luta antifascista. Lembremos que o aparecimento da publicação se dá ainda nos meses finais do governo de Arturo Alessandri e de campanha em defesa da Frente Popular. A revista, porém, como parte de seu discurso político, desenvolve debates que pretendiam ressaltar a função social da literatura, do teatro e da cultura, reafirmando a importância de preservar uma cultura nacional e popular.

La presencia del fascismo en el campo internacional, su ataque directo a las bases de la cultura –la libertad, la dignidad humana, la independencia de las naciones y a la persona misma de los intelectuales– ha hecho surgir un mandato de unidad para todos los trabajadores del espíritu, en el mundo entero. Chile, no solo no podía ser una excepción, sino que se ha puesto rápidamente a la cabeza de este movimiento en nuestro continente. (*Aurora de Chile*, 1/8/1938)

A perspectiva de salvar e reafirmar a cultura era parte da estratégia antifascista. Essa dupla atuação se faz visível tanto nas homenagens que realizam a escritores perseguidos por assumir uma posição de compromisso e combatividade contra governos autoritários ou contra a exploração dos trabalhadores. Destacavam a defesa daqueles que estavam “estritamente vinculados ao povo”, situando-se como porta-vozes do povo (*Aurora de Chile*, 1/8/1938). As homenagens eram dirigidas aos intelectuais que tomavam uma posição política seja através de sua produção artística, na atividade profissional ou como militantes. A revista noticia as palestras e atividades como estratégias de educação popular.

Portanto é possível distinguir, em *Aurora de Chile*, dois tipos de textos, duas formas de atuação dos escritores: de um lado, aqueles escritos que tratavam diretamente de política, do avanço do fascismo e do papel da cultura e dos intelectuais nesse processo. De outro, escritos ficcionais e poesia além de textos sobre literatura e artes em geral. Entretanto, deve-se destacar que não havia uma separação estanque entre escritores que se dedicavam à literatura e os que se ocupavam da militância. A revista apoiava-se na consagração e legitimidade do escritor para dar voz aos princípios de defesa da cultura, de luta contra o fascismo, de defesa dos espanhóis republicanos. Esses intelectuais, por sua vez, estavam dispostos a empenhar seu nome, no debate público e numa batalha ideológica e cultural.

Por outro lado, buscavam demonstrar ser um órgão inserido numa rede ampla de intelectuais europeus e latino-americanos. As matérias apresentavam

não somente notícias sobre organizações de escritores e intelectuais nos países vizinhos como trazia informações de escritores ou lançamentos de livros e revistas, bem como realização de atividades culturais, festivais de teatro, música e congressos de intelectuais. Notícias como a morte, em Paris, do poeta peruano César Vallejo, eram acompanhadas de homenagens (*Aurora de Chile*, 17/8/1938). Sobre a Europa, igualmente destacam as mobilizações de organizações intelectuais, proclamações e debates na imprensa antifascista. Nacionalmente, destacam a tomada de posição dos intelectuais frente às eleições e à atuação nazista no país.

Além de contar com a presença e direção de um escritor de prestígio e popularidade como Pablo Neruda, tinha, entre seus redatores, escritores que desfrutavam de um reconhecimento e militância nos círculos intelectuais do Partido Comunista.⁴ A análise dos textos do grupo de escritores que compunham o conselho editorial, permitiu vislumbrar a ênfase conferida ao compromisso intelectual. Do Conselho de redatores, Rosamel del Valle foi um dos escritores que procurou pensar o papel dos intelectuais na política. No artigo intitulado “Hacia una consciencia defensiva”, realiza uma reflexão sobre a conduta de isolamento do intelectual crítico, seu absenteísmo como um dos elementos que permitiram o crescimento da “barbárie fascista”. Enquanto os intelectuais se dedicavam às suas reflexões e contemplação, não respondiam as urgências históricas da sociedade e, nesse sentido, as “raízes repressivas estendem seus ferros sobre a sociedade” (*Aurora de Chile*, 3/9/1938).

Apesar de pertencer ao grupo de redatores, Rosamel não publicou com muita frequência. Além dessas reflexões, escreveu outro artigo convocando os leitores a uma ponderação sobre a nova realidade chilena, com a vitória da Frente Popular. Suas palavras interrogam “por que insistir na possibilidade de conspirar contra uma realidade indestrutível –indestrutível porque justa– em nome precisamente, do menos digno que nos tem golpeado o espírito nestes últimos anos”, evocando certamente as ameaças da oposição frente à eleição de Aguirre Cerda (*Aurora de Chile*, 4/2/1939). Além desses escritos, o poeta já havia publicado um texto mais literário sobre as festividades natalinas.

Os editores Luis Enrique Délano e Roberto Aldunate, da mesma forma, dedicaram-se a escrever sobre política, especialmente nos temas que ocuparam centralmente a revista, que foi o da campanha presidencial de Aguirre Cerda e a luta antifascista, destacando este último, em editorial em dezembro de 1938,

4 A revista informa em edição de 4 de agosto de 1939 a nova direção a cargo de Roberto Aldunate. A chefia de redação ficava com Luis Enrique Délano.

sobre o aniversário da AICH, a importância da organização na defesa da cultura frente ao fascismo.

Al cabo de un año de vida se puede mirar con optimismo el porvenir de la Alianza. Sus innumerables actos públicos de carácter antifascista, su labor combinada em favor de España, de China, de los judíos perseguidos en la Alemania Nazi, de los escritores proscritos en los países fascistas, sus campañas para producir la unidad de las fuerzas izquierdistas de Chile, su posición combativa frente a la lucha presidencial, todo eso ha afirmado la base de la organización, ha encendido la fe de sus componentes, ha abierto caminos y simpatías a su acción. (*Aurora de Chile*, 3/12/1938)

Esse balanço geral das atividades desenvolvidas pela AICH, não deixam dúvidas e expressam o profundo processo de politização da associação, ao longo do ano, tornando claro o papel da revista em promover e difundir as ideias de compromisso e luta dos intelectuais em defesa da unidade das esquerdas, seguindo a orientação da Internacional Comunista. Nesse período a revista outorgou a maior parte de seu espaço para estabelecer os contornos claros e as coordenadas do papel dos intelectuais nesse processo, explicitando os propósitos da defesa da Frente Popular. A inflexão em prol da campanha de Aguirre Cerda significou numa relativa redução dos textos literários ou poéticos e de crítica cultural em geral, denotando, nesse movimento, a função primordial da entidade e de seu órgão de comunicação, de ser uma publicação militante, porém que acentuava o papel do intelectual como ator político. A ampla maioria dos textos buscam fortalecer o espírito do antifascismo da revista, especialmente chamando a atenção a partir do ponto de vista da cultura, denunciando as perseguições e a censura, a queima de livros e frisando o caráter libertador desta, cumprindo a máxima da “defesa da cultura” tal como era apresentado na capa do impresso. Nessas circunstâncias do debate político, o sentido de “defesa da cultura” significava a defesa dos escritores e artistas contra as perseguições, denuncia e combate a censura. *Aurora* aferra-se à necessidade da tomada de posição dos escritores e artistas em razão dos princípios da Frente Popular.

O debate político não foi monopólio do comitê editorial. Um círculo de intelectuais e escritores influentes na imprensa comunista fez parte do grupo de colaboradores de *Aurora*, tais como Gerardo Seguel, Angel Cruchaga, Acario Catapos, Norberto Pinilla, Nicanor Parra, Volodia Teitelboim, Rubem Azócar, o argentino Raúl González Tuñón, entre outros. Gerardo Seguel escreveu diversos artigos sobre política e se destacou como um escritor e poeta muito atuante,

publicando em jornais do Partido Comunista como *Frente Popular*, *El Siglo* (Dalmás).

Por outra parte, devemos lembrar que a “defesa da cultura” também estava relacionada a ideia de irradiar cultura, ou seja, fomentar a leitura e diversas atividades culturais. Tratava-se de valorizar a cultura e torná-la acessível, especialmente nas classes populares, superando o alcance até então restrito a uma elite letrada, com possibilidades de aquisição desses bens culturais. Esse sentido desenvolve-se mais acentuadamente após a vitória de Aguirre Cerda, quando *Aurora de Chile* potencializa a perspectiva da “defesa da cultura” associado claramente a uma compreensão desta, também como difusão cultural e “ação cultural”. São noticiadas atividades conjuntas entre o governo e os intelectuais que promoviam “ações culturais” junto aos trabalhadores como cursos, conferências e exposições (*Aurora de Chile*, 4/8/1939). O impresso buscava disseminar livros e motivar a leitura, publicando poesias, textos literários, comentários de livros etc. Rubén Azócar, nesse sentido, será um dos intelectuais mais atuantes, responsável pela secção de livros na qual ele fez resenhas e comenta lançamentos. Portanto, nesse momento, nas páginas da revista foi intensificado o papel dos intelectuais no processo de difusão. A própria revista vai publicar os encontros e reuniões com o presidente eleito, o destaque à educação e a participação de vários destes intelectuais no governo. A importância da difusão pode ser entendida a partir das notícias divulgadas na própria revista *Aurora de Chile*, sobre a criação de um programa radial, de responsabilidade da AICH e voltado exclusivamente para o debate de cultura, leituras de poesias e textos literários. A “Hora de radio de la AICH” era transmitida pela Radio del Pacífico, nas terças-feiras, às 22 horas com participação de Gerardo Seguel, Rubén Azócar entre outros intelectuais, além de ter a participação de recitadores e músicos (*Aurora de Chile*, 6/4/1939).⁵

Nesse momento, não deixam de enfatizar o papel do intelectual e seu compromisso com o povo. No artigo assinado por Carlos Ramírez, vinculado ao Partido Socialista, que, em 1940, aparece como um dos redatores da publicação, defende-se o papel do intelectual frente à cultura, como agente de intermediação e orientação.

El intelectual leal a la justicia y a su tiempo – a nuestro tiempo – debe estar de parte del pueblo, al lado del pueblo, corazón a corazón, luchando por darle orientación y luz, confundido en el mismo movimiento redentor. (*Aurora de Chile*, 20/12/1940)

5 Não foi possível ainda identificar o período de duração do programa radial.

O artigo pretendia situar a política da Frente Popular e o papel da educação como lemas do governo de Aguirre Cerda, dirigidos no sentido do nacional e popular. Em continuidade com tais propósitos, são publicados textos como de Diego Muñoz, intitulado “Evocación de nuestros mares y de su mitología” (*Aurora de Chile*, 6 de abril 1939). Diego Muñoz foi um dos mais frequentes colaboradores da imprensa comunista. Em *Aurora de Chile*, escrevia sobre pequenas histórias e crônicas da vida nacional, com teor literário e pedagógico, voltadas para crianças e jovens tais como a coluna *Histórias para filhos de operários* ou a coluna intitulada *Héroes del Pueblo de Chile*. Nesta última chama a atenção a pequena história sobre um tipógrafo, apresentado como um herói cuja única arma eram os tipos de imprensa.

Vamos a presentar ahora a un héroe, cuya estampa no tiene espada ni arma de fuego, sino cuatro tipos de imprenta, cuatro pequeños trozos de metal, cuatro letras: a, l, m, t. Con tan poca cosa, el cajista Molinare es un héroe de Chile. (*Aurora de Chile*, 3/9/1938)

O texto discorre sobre a história do tipógrafo revolucionário, do Chile colonial, que trabalhava na *Gaceta del Rey*. Ao compor os tipos de um texto, burlava o diretor, alterando diversas palavras de forma a reafirmar as ideias anticoloniais e independentistas. Finalmente, o tipógrafo foi descoberto e preso, porém não se cumpriu a condenação, pois a revolução de independência sai vitoriosa. No texto, Muñoz busca exaltar o ímpeto revolucionário do povo, criando ainda um paralelo entre esse momento e o período do que consideram uma luta pela segunda independência. (*Aurora de Chile*, 3/9/1938). Destaca-se nos artigos deste autor à tônica de valorização do “nacional” e “popular”, desenvolvido a partir de pequenas histórias dos trabalhadores e populares, como o exemplo citado, procurando, nesse sentido, orientar o debate segundo as diretrizes frentepopulistas.

O ano de 1939 será marcado por um debate intenso a respeito da Espanha. Nesse ano, a derrota republicana e o refúgio dos espanhóis dominam as preocupações desses intelectuais reunidos em torno da revista. Por outro lado, a assinatura do pacto de não agressão entre URSS e Alemanha, em agosto, redimensiona o debate contra o fascismo.

Alguns estudos apontam que, a partir de agosto de 1939 até junho de 1941, com a assinatura do Pacto de Não Agressão entre URSS e a Alemanha, a política cultural dos comunistas chilenos atenua seus debates em torno da oposição entre fascismo e democracia, enfatizando mais a contraposição entre capitalismo e socialismo (Dalmás; Riquelme). No entanto, se observamos a

revista *Aurora de Chile*, chama a atenção sua reiterada preocupação em afirmar a posição dos intelectuais da AICH, de condenação da invasão da Polônia pela Alemanha nazista e do que consideram os “trágicos acontecimentos europeus”. O editorial de 7 de outubro de 1939, muito sintomaticamente, traz à memória o tema da independência do Chile em 1810. No editorial, intitulado “Os intelectuais chilenos antes e depois de 1810”, busca destacar o papel dos intelectuais, suas contribuições no processo de independência do país, falando no “vigoroso exemplo para o presente”, lista diversos nomes que estiveram a serviço da liberdade, que lutaram contra a escravidão dos araucanos, que construíram as bases do sentimento nacional, que lutaram pela liberdade nacional, pela constituição de uma “pátria livre e democrática”. Essa chama e tradição, conforme diz, foi mantida por muitos outros intelectuais nos séculos XVIII e XIX, à custa de muitos sacrifícios. Logo em seguida a essas palavras, o editorial, fazendo um aparte intitulado “A Guerra, pronuncia-se sobre a agressão à Polônia”, condenando duramente os alemães. Condena o que qualificou de “prepotência fascista”, considerando-a como uma guerra imperialista. Abaixo publica o acordo adotado em Assembleia pela AICH, na qual reafirma a posição dos intelectuais. São quatro pontos que vale destacar:

1. Condenar enérgicamente la agresión del fascismo hitleriano contra la independencia de Polonia y la vida de su pueblo;
2. Manifiesta su más fervorosa solidaridad a la nación polaca;
3. Reafirma la conducta antifascista y particularmente antinazi de la Alianza de Intelectuales de Chile, que es uno de los principios substanciales de su existencia desde su nacimiento: pues el fascismo hitleriano se exhibe, una vez más, como el peor enemigo de la independencia de las naciones, de la libertad, de la cultura y demás derechos humanos;
4. Expresar que la política de “apaciguamiento” de las democracias europeas no ha sido eficaz para impedir la guerra y hasta cierto punto ha estimulado las pretensiones expansionistas de los totalitarios. (*Aurora de Chile*, 7/10/1939)

A declaração, além de ser enfática em sua posição de condenação ao nazifascismo, preocupa-se em enfatizar o caráter antifascista da AICH estabelecido desde sua criação, ainda que não deixe de assumir uma posição crítica às nações europeias e assumir uma posição de denúncia do imperialismo. Os signatários da declaração, com certa ambiguidade, parecem indicar que, apesar das mudanças da política internacional da URSS, os intelectuais no Chile

mantêm sua posição de independência e autonomia, reafirmando a necessidade de luta antifascista. Essa posição deve ser situada na própria conjuntura de apoio aos republicanos espanhóis. Foi essa luta que deu origem à AICH, como também foi nesse ano que Neruda se mobilizou e foi investido pelo governo de Aguirre Cerda, da tarefa de resgatar os republicanos refugiados na França para transportá-los até a cidade de Valparaíso. Nesse mesmo número de *Aurora de Chile*, seria também publicado outro artigo sobre a AICH e o antifascismo que ia na mesma direção, mostrando uma história da fundação da associação intrinsecamente atrelado ao antifascismo.

4. A RESISTÊNCIA NOS INTERSTÍCIOS DA CENSURA: *DOM CASMURRO*

O jornal literário *Dom Casmurro* foi fundado no Rio de Janeiro em maio de 1937 por um grupo de intelectuais que consideravam que o ambiente cultural do Rio de Janeiro carecia de uma publicação intensamente voltada para o debate literário e artístico. Desde o primeiro número, circulou semanalmente e assim se manteve durante quase 10 anos até o fim de suas atividades em dezembro de 1946. O título do jornal era uma referência ao personagem do livro homônimo de Machado de Assis, e a epígrafe “E a confusão era geral”, uma frase retirada do mesmo livro, publicado em 1899. O diretor do jornal, Brício de Abreu,⁶ já era um jornalista atuante na imprensa carioca. Com ele, estava como redator-chefe Alvaro Moreyra, intelectual ligado ao teatro popular, que foi membro do Clube da Cultura Moderna, organização de intelectuais e artistas, criada em 1935 e vinculada à Aliança Nacional Libertadora (ANL).⁷

A participação de Jorge Amado como redator-chefe no jornal *Dom Casmurro*, entre 12 de agosto de 1939 a 4 de maio de 1940, não deixa de chamar a atenção, depois de várias acusações de comunista reiteradas vezes negada pelo diretor do jornal Brício de Abreu. Logo após o lançamento da revista, em 1937, já haviam sido acusados de comunistas. O editorial do número 25, que provocativamente se apresentava com o subtítulo da revista – “A confusão era

6 Brício de Abreu (1903-1970). Jornalista, teatrólogo, crítico teatral e redator de diversos periódicos como *O País*, *A Razão*, *A Vanguarda*, *Diário da Noite*, *O Jornal* e *O Cruzeiro* (De Luca, “Brício de Abreu”).

7 A ANL foi uma organização política fundada em março de 1935 com o objetivo de formar uma frente ampla nacional com a participação de diversas correntes comunistas, socialistas, católicas e democráticas. Era expressão no Brasil do movimento de formação de frentes populares preconizado internacionalmente pelos comunistas.

geral” – foi dedicado a negar tais acusações. Eram acusados de que a epígrafe expressava os interesses da Internacional Comunista e de que o jornal era reduto de comunistas. Nesse momento, o cargo de redator-chefe era ocupado por Álvaro Moreyra.

Segundo afirmava o diretor, os críticos não respeitavam nada:

[...] nem mesmo um passado probo, limpo, de intelectual, o de um homem que dedicou toda uma vida às letras, como o de Álvaro Moreyra, mereceu respeito –passando ele a ser atacado até por ‘pivetes’ que começaram ontem, que ainda cheiram a ‘cueiro’ no jornalismo e na literatura. O pretexto era sempre o mesmo– ‘comunista’ [...]” (*Dom Casmurro*, 1937).

A trajetória política e intelectual de Alvaro Moreyra, ainda na década de 1930, esteve fortemente relacionada aos comunistas, apesar de, somente em 1945, filiar-se ao PCB quando seria deputado pelo Rio Grande do Sul (*Tribuna Popular*, 14/11/1945). Portanto, sua presença em *Dom Casmurro* oferece indícios para pensarmos que o jornal, apesar de não ser órgão oficial do partido, abria espaço para a participação de vários deles. Pensamos tratar-se, no caso de Alvaro Moreyra, de uma posição militante e ativa que buscava influir nos debates culturais, respaldado no seu reconhecimento e prestígio como intelectual. Também na ANL foi colunista de seu órgão oficial, o jornal *A manhã*.

A participação de Jorge Amado também como redator-chefe é significativa da posição do jornal, e, de fato, a trajetória do escritor baiano até a data em que assume seu cargo no jornal é de uma marcada militância política no PCB. Em 1933, foi eleito membro dirigente do Comitê da Juventude Comunista, também participou, em 1935, da Aliança Nacional Libertadora e foi redator do jornal *A Manhã*, órgão de divulgação da ANL. Sua militância lhe renderia a acusação de subversivo e perseguição pelo Estado. Entre os anos de 1937 a 1943, seus livros serão tirados de circulação pelo Estado Novo. A militância era feita a par com uma intensa atividade literária e intelectual. Seu primeiro livro *O país do Carnaval* foi publicado em 1931. Em 1933, publicou *Cacau* e, no ano seguinte, *Suor*. Nos anos seguidos, publica *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936) e *Capitães da Areia* em 1937, quando, devido às perseguições do Estado Novo, deixa o país.

Diante dessa trajetória, não serão estranhas as acusações recebidas pelo jornal de dar acolhida a comunistas. No número 113, quando aparece, pela primeira vez, o nome de Jorge Amado, Brício de Abreu escreve editorial, falando da mudança da redação e tecendo grandes elogios a Marques Rebelo, que

havia antecedido Jorge Amado no mesmo cargo. Nessa mesma coluna, o Jornal apresenta rapidamente a mudança, elogiando o trabalho do escritor Jorge Amado e sua militância na imprensa. Por conseguinte, busca especialmente enfatizar o dinamismo do escritor e sua juventude, assim como a grande quantidade de obras, considerando sua pouca idade, os livros traduzidos, etc. Após a apresentação, Brício de Abreu volta a destacar, como se antecipando as acusações, que o Jornal não se interessava por política. Sua missão era divulgar a cultura.

Em dois anos e meio, DOM CASMURRO, à custa de inúmeros sacrifícios e árduos trabalhos, conseguiu abrir um caminho para as jornadas de cultura no Brasil, marcando um lugar definitivo na história das campanhas pela divulgação cultural em nossa terra. A sua ação foi-se distendendo aos poucos e hoje, a sua irradiação se estende desde o Acre até o Rio Grande do Sul.

Nunca nos interessamos pela política ou pela divulgação de ideias políticas ou sociais partidárias, traçamos um programa exclusivamente de divulgação cultural, exclusivamente brasileiro
(*Dom Casmurro*, 12/8/1939)

Podemos ainda tomar como parâmetro da participação de comunistas no jornal, além desses dois editores, a presença de outros intelectuais e escritores. Analisando apenas o período em que Jorge Amado atua na redação, é possível identificar nomes que escreviam ou escreveram em periódicos comunistas. Entre eles, estavam Clovis Amorim e Edison Carneiro, ambos baianos que haviam sido parte da *Academia dos Rebeldes*, grupo literário de Salvador do qual Jorge Amado fez parte. Alguns de seus membros posteriormente integrariam o PCB, como Edison Carneiro (Dalmás).

Por outro lado, interessa identificar uma crítica que deu relevo ao romance social, ou seja, a literatura que tematizava as contradições da sociedade brasileira. Essa literatura privilegiava abordar as situações de pobreza e exploração. O personagem do romance social geralmente é representado por homens e mulheres trabalhadores, em condições de exploração, prostitutas, meninas e meninos de ruas, trabalhadores no campo, migrantes das secas etc.

Graciliano Ramos escreveu diversas vezes em *Dom Casmurro*, além de fazer parte do jurado do concurso literário promovido pela publicação. Sua obra literária foi objeto de vários artigos e comentários. *Dom Casmurro* publicava frequentemente uma longa lista de colaboradores na qual apareciam nomes como de Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Mário de Andrade, entre muitos outros. Após a lista, declarava que todos dispunham de

ampla liberdade de opinião e que, portanto, o impresso não se responsabilizava pelas opiniões omitidas.

Vale destacar que a criação do semanário e o longo período em que circula, entre 1937-1946, são marcados pela censura e repressão do Estado Novo (1937-1945). A política de controle dos jornais era severa, não apenas impedindo a circulação, como restringindo as cotas de papel necessário à sobrevivência dos impressos. O decreto assinado por Getúlio Vargas, em fevereiro de 1938, estabelecendo isenção fiscal para a importação de papel, exigia, em contrapartida, que proprietários de jornais deveriam obter autorização do Ministério da Justiça. A autorização exigia o cumprimento de uma série de normas, o que redundava num controle indireto da imprensa. Aqueles que realizavam críticas ao governo tinham seu processo de requerimento de isenção fiscal embaraçado e aumentadas as dificuldades em adquirir papel. Este processo fazia com que os proprietários terminassem sendo obrigados a recorrer diretamente ao diretor do Departamento Nacional de Propaganda (DNP), Lourival Pontes. Em dezembro de 1939, Getúlio Vargas extingue o DNP e cria o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), dando um formato mais aperfeiçoado e rigoroso de controle da imprensa. O decreto estabelecia, entre várias funções de gestão de informações e controle em todos os ministérios, a responsabilidade pela censura a todas as atividades de recreação, cultura e informação.⁸

O controle ao semanário *Dom Casmurro* foi documentado no editorial de 16 de setembro de 1939, quando seu diretor explica a necessidade de redução no número de páginas. Segundo informava, essa redução se dava em virtude das dificuldades causadas pela Guerra.

Dom Casmurro tem ainda que, seguindo o ritmo da situação criada pelo conflito internacional para a imprensa do Brasil, acompanhar os seus colegas. Em vão procuramos lutar, chegando mesmo aos maiores sacrifícios materiais para não diminuir as 12 páginas habituais, e nessa luta devemos grandes agradecimentos à firma T. Janer & Cia que tudo tentou a nosso favor, vendo-se deante do impossível, uma vez que não se pode saber quando, nem como, teremos remessa de novo papel do estrangeiro. [...] (*Dom Casmurro*, 16/9/1939)

8 Decreto Lei n. 300. Ver em Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro, <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/departamento-de-imprensa-e-propaganda-dip>.

O jornalista Joel Silveira (1918-2007), colaborador permanente, comenta, em suas memórias, as dificuldades que o periódico teve com o Estado Novo. Segundo dizia, Brício de Abreu foi chamado a comparecer ao DIP, onde recebeu instruções do que não poderia publicar, sendo claramente admoestado e alertado das consequências caso não cumprisse as diretrizes estabelecidas pelo DIP (Silveira).

O perfil literário do impresso permitia maior margem de manobra e foi o argumento mais intensamente debatido nos editoriais desses anos. A direção do semanário buscava se respaldar na equipe de colaboradores de prestígio que frequentemente listava como meio de propagandear sua importância e no apoio que recebia de outros períodos e grupos intelectuais. A revista *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer, publicava em suas páginas anúncios e chamadas sobre *Dom Casmurro*, considerando o “grande semanário brasileiro”. A revista *Vamos Ler*⁹ publica matéria a respeito do segundo aniversário de *Dom Casmurro*, destacando ser “um prestigiado órgão da literatura brasileira” (*Vamos ler*, 25/5/1939). Em outros anos, continua a lembrar a data de seu aniversário sempre celebrando com muitos elogios o seu papel e a perseverança de seus editores.

Entretanto, apesar ser marcadamente uma publicação literária, não se furtou a assumir uma posição política. Esta apareceu em diversas circunstâncias. Publicou, em 2 de setembro de 1937, as vésperas do início ao Estado Novo, uma declaração dos intelectuais brasileiros em solidariedade aos republicanos espanhóis. Segundo diziam, tratava-se de uma necessária demonstração de “amor à liberdade e à cultura”. Reafirmava a legitimidade do governo eleito, portanto, o presidente Aznar, era, de fato e de direito, “representante da vontade nacional”. O documento trazia as assinaturas de escritores colaboradores do semanário, como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado, Alvaro Moreyra, do próprio Brício de Abreu e de outros jornalistas e deputados, como Osório Borba, ligado ao Partido Social Democrático (PSD) e Abguar Bastos, membro da ANL. O semanário vinha publicando várias matérias sobre a Espanha, denunciando a reação fascista à Frente Popular.

No mesmo ano de 1937, em pleno processo eleitoral para eleição de presidente da República, publicaram matérias sobre os candidatos, inclusive editoriais com o título “Os intelectuais e os candidatos” (24/06/1937), assim como Murilo Mendes escreveu diversos artigos críticos aos integralistas. O ativismo político expressou-se claramente até outubro de 1937, quando se

9 Publicada pela empresa jornalística *A Noite*, do Rio de Janeiro, foi uma revista semanal de literatura e cultura que circula entre 1936-1948.

concretiza o golpe do Estado Novo. Nos anos seguintes, a censura e a repressão impuseram um cuidado maior. Em 1940, celebrando os três anos de vida do periódico, Brício de Abreu afirmou em editorial:

Se tanta vez esse nosso programa foi torcido e mal interpretado, a propósito, pelos incapazes, pelos invejosos, se tanta vez sofremos por idéias que não tínhamos e por feitos que nem pensávamos cometer, que nos levaram à prisão e a suspender a nossa publicação durante semanas; se temos sofrido um intenso boicote comercial – temos também a satisfação da certeza, da consciência tranqüila, da imensa alegria que nos traz um maior conforto ainda no meio de toda essa barafunda, que é a cultura no nosso meio, de havermos cumprido sempre, sem desfalecimentos, o programa que traçamos desde o primeiro número, e, ainda mais, de nunca havermos traído à nossa pátria, os seus interesses e os seus ideais. (*Dom Casmurro*, 1940)

As censuras e a tutela dos jornais e revista impuseram certamente um cuidado maior sobre as matérias a publicar. *Dom Casmurro* consegue sobreviver ao Estado Novo, muito provavelmente por ser uma publicação literária, o que lhe possibilitava driblar melhor as ameaças de interferência e suspensão do impresso. Não obstante a campanha de Carlos Maul, colunista do *Correio da Manhã*, para fechá-lo (Aguiar), o jornal manteve seus colaboradores ainda que estes fossem acusados de serem comunistas e estivessem proibidos de escrever sobre política. Se estavam proibidos de criticar o Estado Novo, escreviam sobre o fascismo de Mussolini de forma bastante direta. Em junho de 1939, publicam matéria extensa sobre Maquiavel, na qual se discute a ascensão do fascismo e o “fantasma de Maquiavel como uma espécie de tutor espiritual do novo regime” (*Dom Casmurro*, 10/6/1939). Em julho, Afrânio Coutinho novamente traz à tona a discussão sobre o fascismo, no artigo intitulado “É impossível a paz?”. No texto, o autor inicia sua reflexão chamando a atenção para a perspectiva dos fascistas, criticando seu “desgosto e sua reprovação por qualquer pregação pacifista”. Aponta os falsos argumentos do fascismo, sua “intolerável mentalidade policial”, seu “nacionalismo marcial” e o “culto à violência”. Falando sobre as ameaças da guerra na Europa, lembra que a guerra como solução dos problemas é a marca de “ditadores fascistas e seus apóstolos”. Finalmente, defende a necessidade de justiça social para garantia da paz (*Dom Casmurro*, 1/7/1939).

O caráter literário da publicação não impedia que assumissem posições políticas que iam sendo construídas de forma nuançada a partir tanto da escolha

de seus colaboradores como de matérias que privilegiassem determinado tipo de literatura, uma literatura que abordasse a pobreza, seja do campo ou da cidade, e especialmente que denunciasse as desigualdades e exploração capitalista. Em junho de 1939, por exemplo, foi publicado artigo de autoria de Fritz Teixeira de Salles enaltecendo a revista *Seiva* e os escritores baianos como Jorge Amado e Edson Carneiro pela “coragem da independência, do talento de toda essa juventude baiana que tanto tem feito, nos últimos tempos, pela literatura e pela democracia brasileira” (*Dom Casmurro*, 24/6/1939). Vale lembrar que este grupo e a revista representou o bastião da resistência comunista pós 1935 (Sena Junior 68). Jorge Amado era o escritor mais destacado desse grupo e, portanto, tê-lo como redator-chefe, nesse sentido com poder sobre as decisões do jornal, é uma evidência relevante sobre a forma de atuação comunista na imprensa brasileira, perseguida e vigiada pelo Estado Novo.

Como nos fala Marisa S. de Mello:

Em 1935 ocorre uma intensa influência do partido na imprensa, o que pode ser observado nos jornais *A Manhã* (RJ), *A Plateia* (SP), e *Folha do Povo* (Recife) e nas revistas *Inteligência*, *Flama*, *Revista Acadêmica*, *Belas Artes* e *Movimento*. Foi a repressão após o Levante de 1935 que desmantelou essa imprensa. Nos últimos anos da década, o PCB cria a revista *Cultura*, em que Graciliano colabora, menos ampla e mais controlada pelo partido. As revistas *Diretrizes* e *Dom Casmurro* também sofreram influência do partido e, em 1939, Jorge é redator-chefe de ambas. (34)

As negativas do diretor Brício de Abreu podem ser compreendidas como artifício do jornal para escapar das possíveis punições usuais do DIP, como dificuldades para aquisição de papel ou simplesmente suspensão do impresso. As afirmações e explicações nos editoriais deixam clara a tensão existente nos meios de imprensa. Segundo Luís Bueno, desde 1937, houve “um assalto da direita às redações” dos jornais e revistas, desenvolvendo-se uma aberta campanha de hostilidade aos escritores de esquerda (Bueno 411). Por outra parte, alguns dos intelectuais identificados com a esquerda incorporam-se à máquina do Estado, como foram os casos de Carlos Drummond de Andrade, chefe de gabinete do Ministro de Educação Gustavo Capanema; Mário de Andrade, no Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN); Graciliano Ramos, que se torna colaborador da revista estadonovista *Cultura Política*; Candido Portinari, responsável por diversas obras encomendadas pelo governo, entre outros tantos intelectuais e artistas. Segundo Luís Bueno, falando a respeito do

mundo literário, essa atuação do Estado Novo e sua política trabalhista acabou, no final dos anos 1930, gerando um clima de ambiguidades. Nessa situação, Jorge Amado, entretanto, mantém-se crítico, não participando de nenhum órgão do governo. Com suas obras interdidas, volta-se para a imprensa, como uma alternativa diante da perseguição e censura de que era alvo. Em sua fala, não pouparia alguns amigos como Portinari, pelo financiamento que recebia do Ministério da Educação. Samuel Wainer, em suas memórias, ressalta o silêncio imposto à imprensa com relação às notícias da resistência republicana espanhola. Igualmente explicita a influência do partido na revista que dirigia. Sua fala é elucidativa:

Certa vez, ainda em 1938, fui levado ao encontro de Osvaldo Costa, um dos mitos do PCB. Emocionei-me ao encontrá-lo num quarto escuro de um prédio no Largo do Machado, no bairro do Catete. Ele folheou a revista [*Diretrizes*], fez alguns elogios e recomendou-me que mantivesse a linha que vinha seguindo. *Diretrizes*, segundo Osvaldo Costa, não deveria tornar-se porta-voz do PCB; o correto era defender a formação de uma frente política que unisse as forças democráticas. (Wainer 54)

O argumento proposto para a revista *Diretrizes* certamente pode ser aplicado a *Dom Casmurro*. Como isso se realiza numa publicação literária? Mantendo a influência dos comunistas, sua presença através de colunas e editoriais, como os escritos por Jorge Amado, ocupando a primeira página e de Alvaro Moreyra, que, a partir de 17 de fevereiro de 1940, apresenta uma coluna intitulada Cartaz da Semana. Em um dos artigos, o autor, entre sarcasmos e brincadeiras, ironiza o imperialismo britânico: “a sorte do senhor Neville Chamberlain é ‘made in England’. Tudo que é ‘made in England’ é bom. Motivo bastante para os ingleses serem conservadores. Como eles conservam! A Índia por exemplo” (*Dom Casmurro*, 23/03/1940).

Como nos alerta Rubim, a presença dos comunistas “penetra de modo fino e por vezes imperceptível em inúmeras instituições destinadas a organizar, produzir e/ou difundir socialmente bens simbólicos, potencializando enormemente a presença e influência cultural dos marxistas” (Rubim 379). Não necessariamente, fala-se de política, mas o acento em determinadas ideias e leituras da realidade e o tom da linguagem permitem uma contraposição à perspectiva imposta pelo Estado Novo, tal como no caso citado de Moreyra, que sublinha as ameaças do imperialismo inglês. No mesmo número do jornal, em sua coluna semanal, Jorge Amado, ao falar sobre a necessidade de reedições de

alguns autores brasileiros, não se furta a denunciar a existência de um domínio estrangeiro do mercado editorial no país. Tampouco mencionou o pacto Molotov-Ribbentrop, mas insinuava pontos de vistas através de comentários de livros ou resenhas:

Esse é um curioso momento para ler Macaulay e mesmo para entendê-lo. Momento em que muito dessas conquistas inglesas parecem querer ruir, quando a Índia faz o seu mais violento esforço em busca de sua independência, quando o império estremece todo. (*Dom Casmurro*, 9/3/1940)

Esse e outros comentários aparecem em diversos momentos, indicando uma clara astúcia em driblar e aludir um ponto de vista e opinião política, bem como seleciona autores e uma determinada literatura fortemente compromissada. A defesa da cultura, emblema dos intelectuais antifascistas, não foi exposta em letras garrafais, mas insidiosamente revelada na “luta da inteligência contra a barbárie” (*Dom Casmurro*, 1940).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, a formação da Frente Popular no Chile e sua vitória eleitoral dão à imprensa cultural funções específicas. Sua atuação, como vimos em *Aurora de Chile*, foi abertamente combativa, explicitando, sem temor de censura ou repressão, as ideias de luta contra o imperialismo e o fascismo. O impresso articulou uma plêiade de escritores e intelectuais dispostos a realizar um esforço na luta em defesa da cultura. Ainda que o significado da defesa da cultura fosse flexível, estava associado claramente ao combate ao fascismo e à defesa de um projeto de transformação social, popular e nacional, interconectando radicalmente a dimensão cultural e política, como aponta Beatriz Sarlo. Não pretendiam captar o leitor somente através de uma proposta estética, nem apresentar a revista como um produto de consumo. Tampouco objetivavam informar seus leitores sobre as novidades da cultura. Seu propósito era inteiramente outro: tratava-se de mobilizar, de refletir, de questionar seus leitores. Apresentava-se como uma forma de ação. Os diversos intelectuais que nela escreviam discutiram problemas relativos à posição dos escritores e intelectuais e o compromisso com a Frente Popular.

No Brasil, o controle da imprensa durante o Estado Novo, a clausura de jornais da oposição, especialmente as publicações do Partido Comunista,

dificultou e, em alguns casos, impossibilitou o debate e a crítica. Conforme foi destacado, sob censura, o jornal *Dom Casmurro*, através de sua proposta cultural e literária, buscava articular uma perspectiva crítica indiretamente. Os reiterados ataques de que era vítima, o assédio de outros impressos governistas, a campanha de desprestígio e as ameaças de suspensão, obteve respostas variadas, num jogo constante de dribles e desvios.

Procuramos aqui demonstrar como a constituição desses projetos assumirá configurações distintas em virtude dos diferentes cenários políticos e refletirá sobre as variadas formas desse compromisso. A aberta combatividade de *Aurora de Chile* contribuiu na formação de forças para a vitória da Frente Popular e desenvolveu-se, em seguida, abordando uma ampla defesa da cultura. Por sua vez, no Brasil, *Dom Casmurro* representou um lugar de resistência, operando entre os espaços e cavando brechas que possibilitassem afirmar o compromisso com uma posição política frentista. Representou outra face do projeto de aliança, em que os intelectuais comunistas puderam atuar e enfrentar a perseguição e censura. Ambos confirmam a consistência e importância desse novo fenômeno, do qual nos fala Hobsbawm, de abertura e participação dos intelectuais nos partidos comunistas como atores centrais na constituição de uma imprensa militante e de peso.

Em ambos os impressos, os intelectuais, especialmente os escritores, buscavam dar a conhecer o que Antonio Candido chamou de uma “literatura empenhada”, compromissada com os problemas da sociedade, com a pobreza e as iniquidades, uma literatura que permitia entender as contradições do mundo social. Neruda e Amado sintetizavam essa promessa. Em torno deles, diversos intelectuais faziam frente, numa batalha das ideias, ao que chamavam de “defesa da cultura”, ou seja, assumiam expressamente uma posição. Politicamente atuavam, buscando concretizar a proposta das Frentes Populares preconizada pela Internacional Comunista.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aggio, Alberto. *Frente Popular, radicalismo e Revolução Passiva no Chile*. Annablume, FAPESP, 1999.

Aguiar, Joselia. *Jorge Amado: uma biografia*. Todavia, 2018.

Álvarez, Rolando. “El Partido Comunista de Chile en la década de 1930: entre ‘clase contra clase’ y el Frente Popular”. *Pacarina del Sur*, no. 31, Santiago, 2016. <http://www.pacarinadelsur.com/home/oleajes/1474-el-partido-comunista-de-chile-en-la-decada-de-1930-entre-clase-contra-clase-y-el-frente-popular>.

- Amado, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Record, 1993.
- Alianza de Intelectuales para la Defensa de la Cultura (Chile). *Aurora de Chile*. (Revista 1938-1940). Biblioteca Nacional de Chile.
- Barbosa, Julia Monnerat. *Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 a 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado no PCB*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em História, UFF, 2010.
- Beigel, Fernanda. “Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana”. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, vol. 8, no. 20, 2003, pp. 105-115.
- Bloch, Marc. “Pour une histoire comparée des sociétés européennes”. *Revue de Synthèse Historique*, 6, pp. 15-50, 1928.
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3651094.r=%22pour%20une%20histoire%20compar%C3%A9e%20des%20soci%C3%A9t%C3%A9s%20europ%C3%A9ennes%22?rk=21459;2#>
- Bueno, Luís. *Uma história do romance de 30*. Edusp/Unicamp, 2006.
- Candido, Antonio. “O direito à literatura”. *Vários Escritos*, Ouro sobre Azul, 2011, pp.171-193
- Carone, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. DIFEL, 1976.
- Celentano, Adrián. “Ideas e intelectuales en la formación de una red sudamericana antifascista”. *Literatura y Lingüística*, no. 17, 2006.
DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0716-58112006000100013>
- Dalmás, Carine. *Frentismo cultural em prosa e verso. Comparações, conexões e circulação de ideias entre comunistas brasileiros e chilenos (1935-1948)*. Tese (Doutorado em História Social), Universidade de São Paulo, 2012.
- De Luca, Tania. “Brício de Abreu e o jornal literário *Dom Casmurro*”. *Varia História*, vol. 29, no. 49, 2013, pp. 277-301.
DOI: <https://doi.org/10.1590/s0104-87752013000100013>
- Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, FGV. <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Verbete Jorge Amado.
- Dom Casmurro, Rio de Janeiro, 1937-1946. Disponível em Hemeroteca Digital, Biblioteca Nacional. <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=095605&pesq=&pagfis=1>
- Hobsbawm, Eric J. “Os intelectuais e o antifascismo”. *História do marxismo*, vol. 9, Paz e Terra, 1985, pp. 257-314.
- Mello, Marisa Schincariol. *Encarcerando ideias: Graciliano Ramos, Jorge Amado e o realismo socialista (1945-1953)*. *Livros vermelhos: literatura, trabalho e militância no Brasil*. Bom Texto/Faperj, 2010.
- Milos, Pedro. *La formación del Frente Popular, 1936-1938*. LOM ediciones, 2008.

- Moraño, Mabel. “Revistas culturales y mediación letrada en América Latina”. *Travessia n. 40/Outra Travessia no.1*, 2003, pp. 67-74.
- Oliveira, Angela Meirelles. “Repercussões do Congresso de Escritores pela Defesa da Cultura de Paris (1935) no Cone Sul: lutas antifascista e debates culturais”. *Dimensões*, vol. 35, Jul-dez, 2015, pp. 270-294.
- Racine-Furlaud, Nicole. “Le Comité De Vigilance Des Intellectuels Antifascistes (1934-1939). Antifascisme Et Pacifisme”. *Le Mouvement Social*, no. 101, 1977, pp. 87-113. DOI: <https://doi.org/10.2307/3777881>
- Riou, Gwenn. “Um rendez-vous raté: communistes et surréalistes dans les années 1930”. *Marges*, no. 26, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4000/marges.1360>
- Riquelme, Alfredo. *Rojo atardecer. El comunismo chileno entre dictadura y democracia*. Centro de Investigaciones Diego Barros Arana/Diban, 2009.
- Rubim, Antonio Albino Canelas. “Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil”. *História do Marxismo no Brasil. Teorias e interpretações*, Editora da Unicamp, 2007, pp.373-469.
- Sarlo, Beatriz. “Intelectuales y revistas: razones de una práctica”. *América: Cahiers du CRICCAL*, París, Université de la Sorbonne Nouvelle-París III, Presses de la Sorbonne Nouvelle, IX-X, “Le discours culturel dans les revues latino-américaines, de 1940 à 1970”, 1992, pp. 9-16.
- Sena Junior, Carlos Zacarias F. *Os impasses da estratégia: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im)possível – 1936-1948*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, 2007.
- Silveira, Joel. *Na fogueira: memórias*. Mauad, 1998.
- Sirinelli, Jean-François. “Os intelectuais”. *Por uma história política*. FGV, 2003, pp.
- Soler, Aznar Manuel. “Le deuxième congrès international des écrivains pour la défense de la culture (1937)”. *La Contemporaine, Matériaux pour l’histoire de notre temps*, no. 123-124, 2017. DOI: <https://doi.org/10.3917/mate.123.0008>
- Tarcus, Horacio. *Las revistas culturales latinoamericanas. Giro material, tramas intelectuales y redes revisteriles*. Tren en Movimiento, 2020.
- Teitelboim, Volodia. *Neruda*. Editorial Sudamericana, 1996.
- Vianna, Marly de A. G. “Pela democracia, pela soberania nacional”. *A insurreição da ANL em 1935: o relatório Bellens Porto*, REVAN, 2015, pp.9-32.
- Wainer, Samuel. *Minha razão de viver*. Record, 1988.
- Winock, Michel. *O século dos intelectuais*. Bertrand Brasil, 2000.